

**ITACOATIARA DO INGÁ:
PROSPECÇÃO DE SEU POTENCIAL TURÍSTICO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central - IESP - Instituto de Educação Superior da Paraíba

M386i

Martins, José dos Santos

Itacoatiara do Ingá: prospecção de seu potencial turístico/ José dos Santos Martins. - João Pessoa, PB: [s.n.], 2003.

38 p.: il.

Orientadora: Carla Mary da Silva Oliveira

Monografia (graduação) - Instituto de Educação Superior da Paraíba (IESP) - Curso de Turismo, 2003.

Bibliografia: p. 32

1. Turismo Cultural. 2. Turismo - Paraíba. 3. Patrimônio Cultural. 4. Patrimônio Histórico. 5. Ingá - Paraíba. I. Autor. II. Título.

IESP/BC

CDU 379.85 (813.3)



**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DA PARAÍBA
DIRETORIA ACADÊMICA
CURSO DE TURISMO**

ITACOATIARA DO INGÁ: PROSPECÇÃO DE SEU POTENCIAL TURÍSTICO

José dos Santos Martins

**JOÃO PESSOA - PB
JUNHO - 2003**

JOSÉ DOS SANTOS MARTINS



**ITACOATIARA DO INGÁ:
PROSPECÇÃO DE SEU
POTENCIAL TURÍSTICO**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Graduação em Turismo do IESP - Instituto de Educação Superior da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Turismo.

ORIENTADORA: Prof^ª Ms. Carla Mary da Silva Oliveira

**João Pessoa - PB
Junho - 2003**

JOSÉ DOS SANTOS MARTINS

**ITACOATIARA DO INGÁ:
PROSPECÇÃO DE SEU
POTENCIAL TURÍSTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Ms. Carla Mary da Silva Oliveira
IESP - Instituto de Educação Superior da Paraíba
(orientadora)

Prof. Ms. Almir Félix Batista de Oliveira
ANPUH - PB - Associação Nacional de História - Seção Paraíba
(membro da banca)

Prof^ª Ms. Maria Adélice da Silva Luz
IESP - Instituto de Educação Superior da Paraíba
(membro da banca)

Dedico este trabalho a minha querida esposa Francineide, pelo amor, incentivo e exemplo de vida, aos meus queridos filhos Gustavo e Henrique, por sempre me proporcionarem tranquilidade e condições de continuar meus estudos e aos meus pais Manoel dos Santos Martins e Maria Pozo Martins, que me deram a sorte da vida.

AGRADECIMENTOS

Ao nosso Deus, criador de todas as coisas.

A Profª Carla Mary S. Oliveira, pela orientação na condução deste trabalho.

A Profª Maria Rita de Holanda Peres, Coordenadora do Curso de Turismo, pelo seu empenho, paciência e dedicação.

A Profª Ana Valéria Endres - Coordenadora do Curso de Turismo da UFPb, pelo fornecimento de material de pesquisa.

A todos os professores do IESP, pelo profissionalismo e competência.

Aos colegas de sala, pela amizade e companheirismo.

Ao Sr. Renato Alves da Silva, administrador do Sítio Arqueológico do Ingá.

“Hábeis na arte da criptografia, fixaram na grandeza dos templos e na solidão dos rochedos as leis da Vida e a história da Criação”.

Zilma Ferreira Pinto

RESUMO

O presente trabalho consiste na prospecção do potencial turístico da Itacoatiara do Ingá, monumento arqueológico tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, por ser considerado como um dos mais importantes de seu gênero no Brasil. Embora ainda sejam um mistério as inscrições que recobrem a Pedra do Ingá, maciço formado por blocos de gnaisse, são fonte de estudos para arqueólogos profissionais e amadores, pois podem esclarecer detalhes da vida cotidiana dos habitantes primitivos daquela localidade. Esse estudo pretende mostrar o grande potencial turístico cultural que existe naquele sítio arqueológico, hoje pouquíssimo divulgado e explorado de maneira irregular. Os aspectos estudados fazem parte da busca do conhecimento para apresentação de medidas que ajudem a desenvolver o turismo cultural na Paraíba.

Palavras-Chave: Turismo Cultural; Pedra do Ingá; Itacoatiara.

ABSTRACT

This work researchs the tourist potential of the Itacoatiara do Ingá (Written Stone of Ingá), an archaeological monument tumbled by IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brazilian Institute of Historical and Artistic Heritage), and considered as one of the most important sites of its gender in Brazil. Still a mystery, the inscriptions in the Itacoatiara (formed by gneiss blocks) are a source of studies and researches for professional and amateur archaeologists, and can illuminate details of the daily life of primitive inhabitants' of Paraíba. This work pretends to shows the great potential of cultural tourism that exists there today, with a poor place at the media and being explored in an irregular way. The points treated here are a basis for the presentation of strategies that can provide the cultural tourism development in Paraíba.

Keywords: Cultural Tourism; Written Stone of Ingá; Itacoatiara.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 1- Itacoatiara do Ingá, painel central.....	13
Fig. 2 - Itacoatiara do Ingá, bloco central.	16
Fig.3 - Itacoatiara do Ingá, painel central.....	17
Fig. 4 - Bloco principal - figuras parecidas com répteis, plantas, pássaros e seres humanos.....	18
Fig. 5 - O “M” inscrito no painel central da Itacoatiara do Ingá.....	19
Fig. 6 - Pedra do som.	20
Fig.7 - Uma das pedras menores, com inscrições.	22
Fig 8 - Formação das “piscinas” no Sítio Arqueológico do Ingá.....	23
Fig. 9 - “Os caldeirões - formação rochosa no sítio”.	24
Fig. 10 - Acesso à Itacoatiara do Ingá.....	25
Fig. 11 - Pedra do Ingá - Museu de História Natural.....	26
Fig. 12 -Pedra do Ingá - bloco principal.	27
Fig. 13 - Pedra lavrada em Itacoatiara - Amazonas.....	35

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE FIGURAS

1. Introdução	12
2. A Pedra do Ingá	14
2.1 - <i>Acesso à Itacoatiara do Ingá.....</i>	<i>24</i>
2.2 - <i>A Itacoatiara do Ingá e o Turismo.....</i>	<i>25</i>
2.3 - <i>Revitalização do Sítio Arqueológico.....</i>	<i>26</i>
2.4 - <i>A Cidade de Ingá e o seu Potencial Turístico</i>	<i>28</i>
2.5 - <i>A Infra-Estrutura Turística do Monumento</i>	<i>28</i>
3. Propostas de Ações para o desenvolvimento Turístico da Itacoatiara do Ingá	30
4. Considerações Finais	31
5. Referências Bibliográficas	32
Anexos.....	33
1. <i>Sítios Arqueológicos</i>	<i>33</i>
2. <i>Relação de Alguns dos mais Importantes Sítios Estudados no País.....</i>	<i>34</i>

1. INTRODUÇÃO

A Pedra do Ingá é um monumento arqueológico, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), considerado, por muitos estudiosos, como um dos mais importantes de seu gênero no Brasil. As inscrições despertam interesse de cientistas, pois podem reunir muitas informações sobre a vida e os costumes do homem pré-histórico em nosso continente. A Itacoatiara do Ingá é considerada como um dos monumentos arqueológicos mais significativos do Nordeste (CLEROT, 1969).

Estudos indicam que todas as constelações zodiacais encontram-se devidamente representadas nas inscrições do platô da Pedra; sendo que a situação equinocial do Escorpião permite supor que as inscrições sejam anteriores a 2.100 a.C. (A saga da astrologia no Brasil).

A escrita do Ingá é, talvez, o único documento epigráfico indecifrado (BRITO, 1993).

Embora ainda cobertas de mistério, as inscrições que recobrem o bloco lítico são, há bastante tempo, fonte de estudos para arqueólogos profissionais e amadores, pois podem esclarecer detalhes da vida cotidiana dos habitantes primitivos daquela localidade. Muitas especulações são feitas a respeito de tais figuras rupestres: seriam elas o registro de um contato com alienígenas? O ar fantástico e misterioso da Itacoatiara do Ingá só motiva, ainda mais, o interesse por sua história e, como não poderia ser diferente, as visitas de curiosos ao local.

O fascinante mundo do enigmático vai permitir uma curiosa viagem pela Itacoatiara do Ingá, documento lítico ainda não decifrado e principal ponto de curiosidade dos turistas e pesquisadores que visitam a Paraíba.

Seja qual for a sua significação a “Pedra Lavrada” do Ingá indecifrada ou inexplicada constitui um interessante e valioso documento da nossa pré-história.



Fig. 1- Itacoatiara do Ingá, painel central.
Foto: José Martins (1994).

A pedra que é formada por blocos de gnaiss divididos em três painéis, tendo o bloco principal 24 metros de comprimento por 3,8 m de altura. Há muitos sulcos e pontos capsulares seqüenciados, ordenados, que lembram constelações, embarcações, serpentes, fetos e variados animais, todas parecendo o modo que os indígenas ou os visitantes de outras latitudes tinham para anunciar idéias ou registrar fatos e lendas.

Esse estudo pretende mostrar o grande potencial turístico cultural que existe naquele sítio arqueológico, hoje pouquíssimo divulgado e explorado de maneira extremamente irregular.

O objetivo deste trabalho é mostrar a capacidade turística das Itacoatiara do Ingá, um lugar que ainda guarda segredos e mistérios. Portanto está sendo proposto um conjunto de ações estratégicas para incrementar as atividades turísticas no Município do Ingá, na Paraíba, diagnosticar o potencial turístico e elaborar propostas para desenvolver o turismo em parceria com os Órgãos de turismo e sugerir o envolvimento da comunidade local nas ações de planejamento do turismo sustentável.

2. A PEDRA DO INGÁ

No interior da Paraíba, a 85 km de João Pessoa, existe o município de Ingá, fundado há 162 anos. Embora pequena, a cidade se tornou famosa por causa de uma pedra misteriosa e cheia de segredos que se encontra à margem do rio que lhe deu o nome. Chega-se a dizer que Ingá existe por causa dela. Três quilômetros ao sul da sede municipal, o Rio Ingá é dividido por um enorme bloco de pedra de gnaiss, onde se encontram inscrições rupestres muito antigas e ainda indecifradas.

Os segredos da Pedra do Ingá¹ estão muito bem guardados na rocha, onde as inscrições foram esculpidas em baixo relevo. Não se sabe quem as fez nem quando. Essas inscrições parecem representar estrelas, constelações, serpentes, embarcações, figuras de homens e de animais. São tantas e tão singulares e já se criaram inúmeras teses acerca de sua origem. Já houve estudiosos que as atribuíram a extraterrestres e outros registros de passagem de fenícios pelo Brasil, ou as identificaram como um tipo de calendário pré-histórico, ou ainda como apenas monumento religioso dos cariris, índios tupis que habitaram a região. Enfim, há muitas versões sobre a Pedra do Ingá, mas nenhuma é aceita oficialmente. Podemos acrescentar ainda que há três correntes de pensamento que se manifestam a respeito da provável autoria das gravações líticas: a) um trabalho realizado pelos nativos da região, em época distante; b) manifestações de uma cultura evoluída de outro continente; c) e mensagem de extraterrestres historiando aspectos de sua passagem pelo nosso planeta.

Hipóteses como as duas primeiras teriam rápida aceitação entre os pesquisadores mais céticos, mas e a terceira? Seria possível imaginar a vinda de nossos vizinhos habitantes da Via Láctea ou de outras galáxias mais distantes ao Planeta Terra, sem maiores bases de apoio à tese? O astrônomo norte-americano Carl Sagan, uma das opiniões mais respeitadas no campo da astronomia em todo o mundo, expôs teoria, há duas décadas, sobre a possibilidade da vinda de visitantes do espaço a Súmer, passando na oportunidade conhecimentos que teriam permitido a evolução da Suméria, em curto espaço de tempo, de um povo atrasado a uma civilização bastante evoluída para sua época (BRITO, 1993).

À época das inscrições, os nativos brasileiros desconheciam o metal, talvez o objeto mais indicado para permitir o arredondamento e fino acabamento das perfurações, pois o uso

¹ “Ingá - nome criado pelo hábito de pessoas simples que faziam deste recanto um ponto de encontro (tropeiro, mascates e outros). Havendo aqui um pé de ingazeiro, que logo tomaram como ponto de referencia, falavam em seu dialeto popular: - Hoje vou descansar um pouco no ingá!” (depoimento de D. Maria de Jesus Pinto, moradora de Ingá).

de pedra sobre pedra, como querem alguns estudiosos, levaria à quebra das bordas dos sulcos. Os indígenas não eram bons artesãos, segundo opinião dos colonizadores portugueses, pois usavam machado de pedra e setas de sílex, encravadas na madeira e a cerâmica não oferecia bom acabamento.

O professor Leon Clerot reforça a tese de que os indígenas são os autores das inscrições, afirmando que os sulcos foram executados com a utilização de madeira “que eram constantemente molhadas e imediatamente mergulhadas na areia fina e, a guisa de lixa, esfregada firmemente contra a rocha, até obterem-se os sulcos que formam as figuras” (BRITO, 1993). Essa técnica demandaria pelo menos 50 anos de paciente trabalho ou duas gerações, para a perfuração de todos os painéis na rocha dura, no Ingá. E, como se sabe, os indígenas não tinham a posse de qualquer tecnologia para o domínio do sílex. Já a teoria de que as inscrições foram feitas por visitantes de outros continentes ganha a simpatia da maior parte dos pesquisadores.

A pedra lavrada é um monumento arqueológico, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional por ser considerado, por muitos estudiosos, dos mais importantes, senão o mais importante do Nordeste. As inscrições despertam interesse de cientistas, pois podem reunir muitas informações sobre a vida e os costumes do homem do passado em nosso continente (CLEROT, 1969).

A Pedra do Ingá não é a única do gênero, pois há vários outros monumentos por outras partes do planeta com inscrições semelhantes.

A Pedra Lavrada que é o símbolo do Município do Ingá, poderá ser uma fonte de retorno econômico e social para o município. Poderá ser, portanto, explorada turisticamente de maneira ordenada (CAVALCANTI et al, 1993). Estudos realizados dão conta de que as inscrições foram feitas há mais de 6.000 anos (ITAQUATIARAS DO INGÁ, 2003).



Fig. 2 - Itacoatiara do Ingá, bloco central.
Foto: José Martins (2003)

Os estudos feitos sobre essas inscrições rupestres não conseguiram decifrar o significado desses desenhos. Pesquisadores como Ladislau Neto, Teodoro Sampaio, Branner, Alfredo de Carvalho e o alemão Kock Grütenberg atribuíram as marcas existentes nas pedras aos índios. Segundo o professor Jacques Ramondoto, especialista em geologia e petrografia, a Pedra do Ingá é um dos maiores enigmas do universo (MISTÉRIO DA PEDRA DO INGÁ, 2003).

Há, nos painéis horizontal superior e inferior, ligeiramente inclinadas, inscrições que lembram constelações. Há também um agrupamento de traços que, ligados entre si, mostram as constelações de Peixe Austral e Grus, unidas, enquanto no painel horizontal inferior encontram-se registros que repetem os pontos das constelações de Orion e Cão Maior (BRITO, 1993).



Fig.3 - Itacoatiara do Ingá, painel central
Foto: José Martins (1994)

Na face do paredão da pedra, ao alto, uma linha de pontos de 5 cm de diâmetro, perfeitamente capsulares, limita a área principal dos lavores inseridos na pedra. Esses desenhos lavrados representam plantas estilizadas, figuras zoomorfas, antropomorfas, fállicas e uma profusão de sinais diversos, por vezes repetidos, assim como os pontos capsulares atapetando o paredão, numa superfície de 30 metros quadrados aproximadamente (CLEROT, 1969).

Desde os sumérios se conhece a escrita organizada, mas é certo que os povos que viveram em lugares mais remotos e em épocas distantes também possuíam a sua forma de anunciar as idéias ou registrar os fatos e lendas. A Pedra do Ingá vislumbra uma escrita ideológica pacientemente elaborada há centenas ou, quem sabe, milhares de anos, atribuída por uns aos indígenas como registro religioso e por outros a visitantes de longitudes distantes. As figuras Distribuem-se em três painéis: o superior horizontal, o vertical e o inferior (piso). Neles estão montados os quebra-cabeças até hoje não decifrados.

Sendo a astronomia a ciência mais antiga do planeta, que ocupou o homem desde a Pré-História é natural que os registros rupestres contenham sinais referentes aos pontos luminosos encontrados acima da linha do horizonte. Nas estrelas, planetas e satélite o homem primitivo encontrava orientações para várias atividades: a agricultura, as viagens pela terra e sobre o

mar, a medição do tempo, as estações de chuva, frio e calor, dentre outras que diziam respeito às suas necessidades básicas, no restrito mundo em que viviam.

No início as observações eram menos sistemáticas e satisfaziam apenas a curiosidade e a admiração dos habitantes das cavernas, mas com o passar dos tempos o homem foi verificando que as estrelas poderiam auxiliá-lo ainda mais. A partir daí estudaram com maior precisão os fenômenos celestes, dando início a uma nova ciência: a matemática. Com essa ciência os antigos criaram o ano de 360 dias, o círculo de 360 graus, um grau de 60 minutos, 1 minuto de 60 segundos e visualizaram uma faixa no céu, contendo hipotéticos desenho de animais - o zodíaco - formados pela simbólica ligação das estrelas, entre si, originando as constelações.

No painel principal, vertical, há figuras gravadas, em média, com 50mm de diâmetro na escavação e 30mm de profundidade. Todo o campo esculpido está limitado, em sua parte superior, por uma linha de 114 capsulares (BRITO, 1993). No grupo de figuras abaixo, há inscrições que lembram pássaros, répteis, plantas e também notáveis figurações de seres humanos, apresentados numa certa seqüência de ordenação. Olhando-se a figura detidamente, (figura central na foto abaixo) vê-se, à direita, corpo esguio, isto é, corrido, que poderia ser uma figuração masculina, enquanto a da esquerda mostra a região ventral um tanto desenvolvida, que poderia ser a figuração feminina (BRITO, 1993).



Fig. 4 - Bloco principal - figuras parecidas com répteis, plantas, pássaros e seres humanos.
Foto: José Martins (2003)

O fato de a pictografia do Ingá não constituir sequer sinais de uma escrita ideográfica não significa que seus autores desconhecêssem um alfabeto ou que tais sinais não tivessem um significado bem específico. Alguns estudiosos, inclusive, supõe que os símbolos da Pedra do Ingá estejam relacionados com as letras de algum alfabeto sagrado, o hebraico ou islâmico (PINTO, 1993).

A letra M da Pedra do Ingá aparece inscrita em várias estilizações, abertas, fechadas, encurvadas e viradas ao contrário, mostrando três ou quatro pernas. Observa-se que sua semelhança se faz com a forma gráfica manuscrita do novo M minúsculo. E isto pode ser um indício dos mais importantes para o esclarecimento quanto às origens das inscrições. Não consta que um tipo de M, igual a esse nosso, exista em algum alfabeto antigo.

Quanto a sua significação esotérica, a letra M sempre esteve relacionada com o elemento Água e a idéia da mãe primordial (Eva). Acredita-se que seja a significação essencial daquelas estilizações de linhas curvas, independente de serem ou não sinais da letra M (PINTO, 1993).



Fig. 5 - O “M” inscrito no painel central da Itacoatiara do Ingá.
Foto: José Martins (2003).

Na realidade, todos os símbolos da laje superior da Itacoatiara sugerem uma intenção de relação com os símbolos do painel central. A gravura da bola de fogo, mais que as outras,

apresenta-se como uma conexão entre o que está inscrito embaixo e o que está inscrito em cima.

No sítio arqueológico¹ existem também a “pedra do som” e as “pegadas de São Tomé”. Quando tocada, a “pedra do som” produz um som metálico, parecido com o de um sino, parecendo ser oca, mas não é. A importância da “pedra do som” estende-se a muito mais. Nela existem duas depressões que lembram pegadas humanas, atribuídas pelos habitantes locais a São Tomé. Os signos identificados como pegadas humanas, e que se acham gravados na “pedra do som”, acima descrita, são do maior interesse, pois incluem a Itacoatiara do Ingá no roteiro das pegadas de São Tomé, ou seja, significa relacionar a sua história com a lenda indígena do Sumé - personagem que os nossos missionários traduziram como se fosse São Tomé, o apóstolo de Cristo. Tanto os índios, como os primeiros povoadores, dão testemunho da existência dessas marcas de pés ou pegadas como sinais comprobatórios do que a lenda rezava. Eram encontradas em vários pontos das Américas, especialmente no Brasil.



Fig. 6 - Pedra do som.
Foto: José Martins (2003)

¹ Sítios arqueológicos são os chamados locais de permanência prolongada, como cemitérios, locais de rituais em abrigos ou em campo aberto onde se encontram restos de materiais de uma cultura passada. A concentração dos Sítios registrados nas regiões do País é pouco em relação à quantidade que se imagina ter. Nas inscrições sob rochas, as condições de preservação são melhores e mais duradouras.

Simão de Vasconcelos, ao descrever estes lugares, assim se refere a um localizado na Paraíba:

“Na altura da cidade, em sete graus da parte do sul para o sertão, em um lugar hoje deserto e solitário, se vê outro penedo com duas pegadas de um homem maior, e outras de outro mais pequeno; e certas letras esculpidas na pedra. Este é achado cada passo dos índios, que de suas aldeias vão à caça; e têm para si, que aquelas pegadas são de São Tomé...As letras pretenderam os índios arremedar aos nossos Padres nas aldeias, mas não se entendeu até agora sua significação” (PINTO, 1993, p. 11).

A crônica de Companhia de Jesus, de Simão de Vasconcelos, data de 1663.

Hoje a Itacoatiara do Ingá é descrita como “geograficamente localizada a 7° 15’ 26’ de latitude Sul e a 35° 35’ 15’ de longitude Oeste de Greenwich” (BRITO, 1993). Haja coincidência entre a nossa pedra lavrada e o rochedo mencionado na Crônica do Jesuíta; teremos as primeiras notícias da Pedra do Ingá quase um século anterior àquela que se mencionam como as primeiras registradas, e são de 1756. Convém ainda observar que, à época, o local já era tido como deserto e solitário, desabitado dos próprios índios, que ademais não lhe compreendiam os significados das inscrições. Por isso deveriam ignorar os valores simbólicos da representação de um pé na tradição esotérica (PINTO, 1994).

Existem no sítio arqueológico muitas outras formações rochosas. Um pouco mais abaixo do bloco que contém os painéis com as inscrições rupestres, há um ponto onde os turistas gostam de se sentar, para fazer piqueniques ou simplesmente para descansar. O visitante senta-se sobre algumas pedras soltas, entre dezenas existentes à margem do rio Ingá, enquanto conversam ou trocam idéias sobre a simbologia dos painéis principais. Pode-se ver do outro lado do rio uma pedra com formação diferente e já rachada, onde se pode ver inscrições rupestres diferentes das existentes na pedra principal.



Fig.7 - Uma das pedras menores, com inscrições.
Foto: José Martins (2003)

A piscina natural que é um local onde as águas do rio se espalham, cobrindo na época de chuvas a laje inferior. As águas da “piscina” ficam reprimidas entre alguns blocos de pedras e logo à direita da referida pedra da Itacoatiara. Em outro bloco igualmente curioso, pois apresenta a forma aproximada de um Sarcófago, sobre o qual se poderia perfeitamente deitar o corpo de uma pessoa adulta. A “piscina” da Pedra do Ingá pode ter sido usada para as cerimônias de purificação, pertinente tanto ao ritual dos mortos como aos rituais iniciáticos (PINTO, 1993).



Fig 8 - Formação das “piscinas” no Sítio Arqueológico do Ingá.
Foto: José Martins (2003).

A Mesa do Santuário é um conjunto de pedras que se encontra um pouco antes do bloco da Itacoatiara. Dali avista-se o alpendre da casa de apoio construída no sítio. Compõe-se de uma pedra cuja forma justifica-se a denominação de uma mesa, anteparada por outra que se apresenta como a parede do altar.

Os caldeirões aparecem agrupados e com pequenas diferenças de tamanho de um para o outro. Segundo alguns estudiosos seriam artificiais, por demonstrarem sinais de uso da broca. Entretanto, existe também a possibilidade de que, em se tratando de caldeirões de formação natural, terem sofrido um processo de alargamento ou aprofundamento. Porém, isso teria alguma utilidade para as pessoas, como nas celebrações, atividade de mineração ou próprio trabalho de gravação.



Fig. 9 - “Os caldeirões - formação rochosa no sítio”.
Foto: José Martins (2000).

A Pedra do Mapa é uma pequena laje retangular na qual alguns estudiosos acham que possa existir a representação de um mapa. Acha-se junto à outra pedra que se coloca na forma de uma “cadeira” natural e estão debaixo de uma árvore.

2.1 – Acesso à Itacoatiara do Ingá

O acesso a Itacoatiara do Ingá é feita a partir da rodovia BR 230, na altura do km 118, onde há o entroncamento com a rodovia PB 095, através da qual se chega à sede do município, após 6 km de trajeto. Seguindo mais 5 km, ainda pela PB 095, após atravessar a cidade, se chega ao sítio arqueológico, que abrange outros registros, além das inscrições do paredão principal.

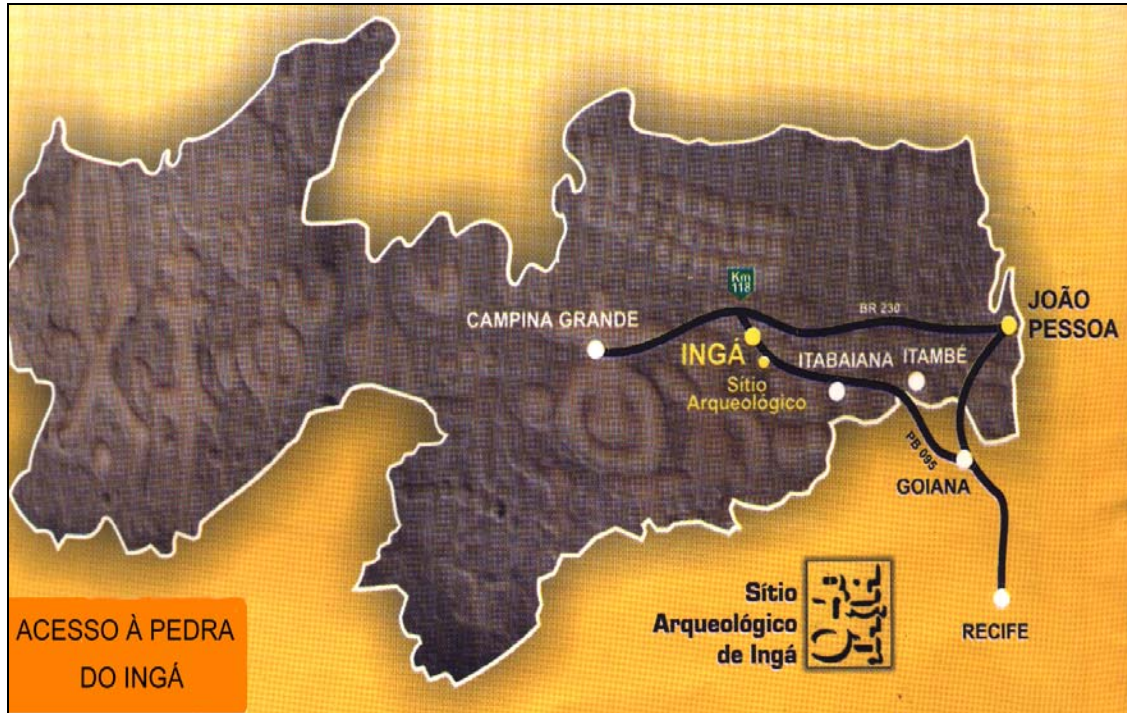


Fig. 10 - Acesso à Itacoatiara do Ingá.
Fonte: Caderno de Turismo, 2002.

2.2 - A Itacoatiara do Ingá e o Turismo

Até hoje a visita de turistas à Itacoatiara do Ingá é esporádica e tem apenas um caráter turístico complementar. Ou seja, o município do Ingá e sua Itacoatiara não estão, necessariamente, nos roteiros de viagem praticados na Paraíba. Porém, os turistas de passagem para centros mais próximos, como Campina Grande, João Pessoa, Itabaiana ou Caruaru, algumas vezes, estendem sua curiosidade e, segundo os moradores do município, “dão uma entradinha para ver a pedra” (Cavalcanti et al, 1993).

Neste contexto, o turismo desenvolvido é predatório, pois as festividades têm sido realizadas dentro, ou melhor, nos arredores do monumento arqueológico. São instaladas barraquinhas para a venda de bebidas, comidas típicas e artesanato onde são instalados aparelhos de som. Resultado: o lixo acaba sendo jogado no rio ou nos “buracos” da Itacoatiara; enquanto a própria pedra é utilizada como passarela para desfiles, forrós e encontros. Esse comportamento revela que os interesses pelo turismo e pela preservação das inscrições são mínimos. A população, em geral, por razões ligadas à sua condição social, pela falta de meios de formação e informação, pela revolta por seus baixos salários e péssimas condições de vida, não consegue perceber a importância que a “pedra lavrada” tem.

No local foi construído um restaurante e surgiu um Museu de História Natural, que acolhe cerca de duas dezenas de fósseis de animais que aí viveram, retirados do sítio Maringá e em Riachão do Bacamarte (SITIOS ARQUEOLÓGICOS DA PB, 2003).



Fig. 11 - Pedra do Ingá - Museu de História Natural.
Foto: José Martins (2003).

O que se tem notado ultimamente é que, embora as Itacoatiara não tenham atraído o turismo doméstico, há muita presença de turistas de outros países, que vem através de pacotes, normalmente oferecidos por agências receptoras de Natal e que passam de forma rápida, sem ter gastos financeiros no local.

2.3 -Revitalização do Sítio Arqueológico

A Pedra Lavrada pode vir a ser o instrumento do retorno à prosperidade econômica e social do município. Para isso, ela precisa ser respeitada, bem tratada e preservada.

É necessário manter sempre em bom estado de conservação a rodovia PB 095 que liga a BR 230 até Ingá, pois esta invariavelmente, encontra-se em mau estado de conservação, já que sua construção inicial não foi de boa qualidade.

É preciso uma fiscalização mais intensa, visando coibir a presença de vândalos, ou ainda de pesquisadores, como aconteceu com o Professor Joel Rotd que se valeu dos conhecimentos arqueológicos das professoras Gabriela Martin (UFPE) e Maly Trevas e, por conta do material corrosivo que utilizaram em suas pesquisas, as inscrições da parte esquerda da Pedra estão desaparecendo. Essa pesquisa foi feita sem autorização do IPHAN e foi noticiada na imprensa pessoense (*O Norte*, João Pessoa, 04nov2001).



Fig. 12 -Pedra do Ingá - bloco principal.
À esquerda nota-se o desgaste das inscrições.
Foto: José Martins (2003).

É preciso preparar melhor os funcionários incumbidos de cuidar do local, para que, ao chegarem pessoas dizendo-se autorizadas por determinado órgão ou pessoa, para que a informação seja checada, antes de se autorizar qualquer ação no sítio arqueológico.

É necessário uma melhor estruturação do local, com bom restaurante, instalações sanitárias adequadas e limpas, local para venda de produtos regionais, livros e material de informações sobre o local.

É preciso fazer uma estrutura de proteção das pedras, visando evitar o desgaste pela própria natureza ou ação de vândalos. Há apenas uma corda ao redor da pedra principal.

É necessária uma melhor divulgação, mostrando a importância de conhecer parcela importante dos antigos homens que passaram ou viveram nessa terra e ainda ter uma chance de redenção econômica para o município: o turismo.

2.4 - A Cidade de Ingá e o seu Potencial Turístico

Ingá é um município situado no Brejo Paraibano, com 197,1 km² e sua população, de acordo com o Censo 2000, é de 17.939 habitantes. Faz limites com os seguintes municípios: Serra Redonda, Massaranduba, Campina Grande, Itaituba, Mogeiro e Juarez Távora. Seu clima é seco, com temperaturas máximas de 41 graus e mínima de 22 graus. O inverno começa em abril e se estende até junho.

O município ficou famoso por causa de uma pedra misteriosa e cheia de segredos. Por volta de 1599, houve o primeiro contato do homem branco com as terras do município de Ingá. A povoação dessas terras só teria se iniciado no século XVII, a partir de pousadas à sombra de enormes ingazeiros (daí o nome de origem), que na naquela época existiam à margem do rio, sendo que o primeiro aglomerado populacional foi a antiga povoação do Bacamarte, justamente no local onde hoje está a ponte de cimento armado que liga dois bairros da cidade.

Em meados do século XVII já se encontravam instalados na região do Ingá pequenos situantes e grandes criadores de gado. Surgiram grandes propriedades com construções de capelas dedicadas a Nossa Senhora da Conceição, em torno da qual se formou um povoado que prosperou graças às condições favoráveis da área para o cultivo de algodão e de culturas como milho e feijão (<http://www.pedradeinga.hpg.ig.com.br/ing.html>).

É uma cidade que guarda lembranças do tempo dos escravos, mas também chama a atenção por pequenas modernidades. Nos lados de uma rua se pode ver o que um dia foi uma senzala e uma casa de senhor de escravos: a senzala está abandonada. A casa-grande, habitada e equipada com antena parabólica (O Norte, 06abr2003).

2.5 – A Infra-Estrutura Turística do Monumento

Em pesquisa de campo realizada em maio de 2003 pudemos levantar algumas informações sobre os equipamentos turísticos na área anexa à Itacoatiara.

O Sr. Renato Alves da Silva, de 75 anos, que se apresentou como administrador e sua esposa a Sra. Cecília Alves da Silva, 65 anos, permanecem no sítio arqueológico no período de 07:30h até 17:00h. Eles residem na cidade de Ingá, distante 5 km. Portanto, entre 17:00h e

07:30h não fica ninguém no local, que é de fácil acesso e com muitos locais por onde qualquer pessoa pode entrar, facilitando a ação de vândalos, pichadores, ladrões, etc.

O Sr. Renato “toma conta” do sítio há 16 anos. Ele é aposentado pelo Estado, onde trabalhou. Não é registrado como funcionário do IPHAN, portanto não têm salário. Ganha algum dinheiro com a venda de camisetas, bonés, livros e com a venda de produtos de uma cantina que existe no local.

O prédio existente no local foi construído há cerca de 20 anos. Nesse prédio, além de banheiro feminino e masculino, abriga um museu onde se encontra fósseis de bicho preguiça gigante, tatu gigante, vértebra de baleia (trazida de Cabedelo), machadinha de pedras talhadeiras - que foram encontradas no Rio Ingá. As varandas existentes nos dois lados da construção são usadas como restaurante (quando solicitado com antecedência). Esse prédio, portanto, funciona como ponto de apoio, nunca tendo sido utilizado como hotel ou pousada. Não há linha telefônica instalada, embora a rede de transmissão passe há cerca de 1,5km. do local, portanto não há sequer um “orelhão”. Há, no entanto, sinal de celular.

O Rio Ingá, que passa no sítio arqueológico, é temporário. No verão ele seca, porém, como disse o Sr. Renato, na região há fazendas com poços artesianos feitos para manter açudes sempre cheios e os excessos de água ajudam a manter o leito do rio. Esse rio deságua no Rio Paraíba a 12 km da Pedra do Ingá.

No sítio arqueológico, que tem cerca de 5 ha., existem as seguintes espécies de árvores: Baraúna, aroeira, angico, caibeira, ipê, comarú, juá, marí, algaroba e ainda um pé de ingá, plantado há pouco tempo, que tem cerca de 1 metro de altura.

Há um poço artesiano, que embora construído fora do sítio, a água é encanada até a sede onde há reservatório.

A pousada mais próxima fica na cidade de Ingá e é conhecida como a “Pousada da Girlene” que tem acomodações bastante simples. O local mais próximo onde se pode encontrar bons hotéis é em Campina Grande, distante 42 km.

Não há linha de ônibus até o sítio arqueológico, nem se cobra taxa de visitação.

Poderá ser marcada excursão ao sítio arqueológico, com o Sr. Renato, no período da noite através do telefone número (83) 394.1216. Almoço ou lanches terão que ser reservados com antecedência. Nos domingos há condições de servir algumas refeições sem reserva antecipada.

3. PROPOSTAS DE AÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO DA ITACOATIARA DO INGÁ

Após o diagnóstico do potencial turístico da região, observou-se a necessidade de melhorias consideráveis na região para que a mesma possa ser incluída dentro de um projeto turístico no Estado da Paraíba.

Diante da atual conjuntura em que se encontra a Itacoatiara do Ingá, necessário se faz elaborar um planejamento estratégico que vise dar condições de tornar o local um atrativo turístico. Deste modo propõe-se:

- Promover campanhas educativas para a comunidade local, visando esclarecer e informar a importância do turismo como agente fomentador de divisas para a região e melhoria na qualidade de vida.
- Envolver os moradores locais, treinando-os e preparando-os para receber turistas e com isto aumentar suas rendas familiares.
- Em parceria com Universidades e Órgãos Governamentais e entidades privadas, elaborar um plano de preservação e conservação das Itacoatiara.
- Construção de hotel/pousada e restaurante, visando dar um melhor conforto e até mesmo uma maior permanência do turista no local.
- Organizar um turismo receptivo com origem no Estado da Paraíba.
- Sinalização ao longo das rodovias informando aos viajantes a existência de um sítio arqueológico. No caso da BR 230, a sinalização deveria existir também na saída de João Pessoa. Isso certamente criaria interesse nas pessoas em visitar o local e até mesmo tomar conhecimento da existente, já que é comum as pessoas dizerem que nunca ouviu falar da Pedra do Ingá.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje, por incrível que possa parecer, o monumento da Itacoatiara do Ingá desperta mais interesse para os estrangeiros. Nota-se que são poucos os paraibanos que conhecem ou tem algum interesse em conhecer a sua existência, talvez pela falta de divulgação e pela falta de informações . Até para os estudantes, de todos os graus, a sua importância é relevante, pois não é em qualquer lugar do mundo que se pode ver um monumento desse tipo sobre o qual praticamente tudo ainda está para ser descoberto.

Necessário de faz também é melhorar a estrutura do local, dando melhor conforto ao turista e provocando uma permanência maior no local. Hoje o turista passa rapidamente pelo local, de meia hora à uma hora, pois não tem qualquer atração complementar que estimule uma permanência maior.

Conforme se verifica no local, é necessário melhorar os aspectos que visem a preservação das inscrições, fazendo-se estruturas para impedir a ação de pessoas desordeiras e inclusive da própria ação do tempo, pois se corre o risco de se perder um patrimônio tão valioso. Há apenas uma corda cercando a Pedra Lavrada do Ingá.

O sítio arqueológico fica em lugar de fácil acesso, com rodovia asfaltada até o local e próximo de João Pessoa (85 km) e de Campina Grande (42 km), localidades com aeroporto e infra-estrutura hoteleira.

Uma atuação conjunta dos Órgãos Municipais, Estaduais e Federais interessados na Proteção do Sítio Arqueológico é de extrema importância. É interessante que a iniciativa privada juntamente com os órgãos governamentais se unam e desenvolvam uma estratégia turística e de preservação da Pedra do Ingá.

Com esse trabalho espera-se contribuir para o desenvolvimento do turismo na Pedra do Ingá, para a cidade do Ingá e sua população.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Horácio de. **História da Paraíba**. Tomo I. João Pessoa: Editora Universitária - UFPb, 1993.

BRITO, Gilvan de. **Viagem ao desconhecido: os segredos da pedra do Ingá (inclui outros registros rupestres)**. 3.ed. Brasília: Senado Federal, 1993.

CAVALCANTI, Maria Helena Pereira; GONÇALVES, Regina Célia; SORRENTINO, Rossana de Souza; SOUZA, Vilma de Lourdes Barbosa de. **Uma história do Ingá**. João Pessoa: Ed. Universitária -UFPB, 1993. 114p.

CLEROT, Leon Francisco R. **30 anos na Paraíba (memórias corográficas e outras memórias)**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1969.

CONSTELAR. **A saga da astrologia no Brasil**. Site particular. Disponível em: <<http://www.constelar.com.br/revista/edição56/saga1.htm>>. Acesso em: 16 mar.2003.

DESTRUIÇÃO da Pedra do Ingá. **O Norte**, João Pessoa, 04 nov. 2001.

GEOCITIES. **Mistérios da Pedra do Ingá**. Site particular. Disponível em: <<http://geocities.com/opeufo/pesquisa3.htm>>. Acesso em: 23 fev.2003.

GEOCITIES. **Peabiru**. Site particular. Disponível em: <<http://geocities.yahoo.com.br/enigmasdahumanidade/peabiru.htm>>. Acesso em: 15 fev.2003.

ITAQUATIARAS DO INGÁ. Disponível em: <<http://www.pbnet.com.br/openline/mfarias/itaqua.htm>>. Acesso em: 23 fev.2003.

MESQUITA, Goretti. As Itacoatiras atraem turistas do mundo todo: as milenares gravuras rupestres **Caderno de Turismo**, João Pessoa, n 144, set. 2002, p. 10-11.

PARAI. **Sítios arqueológicos da PB**. Site particular. Disponível em: <http://parai.com.br/historia/historia_c4.htm>. Acesso em: 23 mar. 2003.

PARAIWA. **Ingá**. Site Institucional. Disponível em: <<http://paraiwa.org.br/artesanato/inga.htm>>. Acesso em: 01 mar. 2003.

PEDRA de Ingá. **A cidade de Ingá**. Site particular. Disponível em: <<http://www.pedradeinga.hpg.ig.com.br/ing.html>>. Acesso em: 12 mai. 2003.

PINTO, Zilma Ferreira. **Nas pegadas de São Tomé**. Brasília: Senado Federal, 1994.

SÍTIO Arqueológico Lagoa. **ARQUEOLOGIA**. Site particular. Disponível em: <<http://sítioarqueologico.lagoa.hpg.ig.com.br/page4.htm>>. Acesso em: 12 mai. 2003.

ANEXOS

1. Sítios Arqueológicos

Sítios Arqueológicos são os chamados locais de permanência prolongada, como cemitérios, locais de rituais em abrigos ou em campo aberto onde se encontram restos de materiais de uma cultura passada. A concentração dos Sítios registrados nas regiões do País é pouco em relação à quantidade que se imagina ter. Nas inscrições sob rocha, as condições de preservação são melhores e mais duradouras.

Os Sítios a céu aberto costumam aparecer depois do fazendeiro ter passado o arado sobre a terra, destruindo partes ou por completo. Os levantamentos de sítios e inscrições rupestres envolvem um grupo de pessoas com um mínimo de qualificação, que procura, sistematicamente, dentro de uma determinada região, localizar as ocorrências arqueológicas, coletando eventualmente amostras de material arqueológico espalhado na superfície dos Sítios. São feitas fichas e registros de pesquisa arqueológicas e enviados para o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

É vedado por Lei a qualquer pessoa não credenciada fazer sondagem e a escavação com o intuito de descobrir sítios arqueológicos. Somente podem ser realizadas sob a responsabilidade de arqueólogos profissionais de bastante experiência, já que qualquer escavação, realizada através da retirada progressiva do sedimento, destrói completamente o objeto do seu estudo: o Sítio Arqueológico. Nos casos em que os camponeses encontrarem vestígios arqueológicos (pinturas rupestres, cacos de cerâmica, instrumentos de pedra, ossos humanos) e os reconheçam como tais, eles devem informar às autoridades. Alguns, até por desconhecimento do valor cultural, acabam destruindo o material.

Os levantamentos superficiais de Arte Rupestre podem ser realizados por quaisquer pessoas, desde que não envolvam manipulação das paredes, não se toque nas representações gráficas, e não se modifique o ambiente natural. Existem trabalhos de simples divulgação realizados por pessoas dedicadas e, por vezes, interessadas na proteção dos Sítios.

Faz-se necessário atrair as pessoas interessadas para utilizá-las em projetos de levantamento de informações e ajuda local à proteção dos Sítios. (SÍTIO ARQUEOLÓGICO LAGOA (2003).

2. Relação de Alguns dos mais Importantes Sítios Estudados no País

A *Pedra do Ingá*, localizada no interior da Paraíba é conhecida desde o século XVII, trata-se de um petróglifo importantíssimo ao acervo arqueológico e etnográfico do Brasil;

O *Parque Nacional da Capivara* é um lugar de rara beleza, dentro da paisagem castigada da Caatinga. Sob a vegetação densa, recortada por canyons gigantescos e morros de mármore cinza e negro, há quilômetros de galerias subterrâneas, de vários andares, com lagos e fontes naturais. A “Missão Binacional Franco-brasileira já encontrou 340 Sítios Arqueológicos em São Raimundo Nonato. São rochas com desenhos que contam a história do homem pré-histórico brasileiro. A maior parte dos Sítios - 70%, está dentro do Parque. A Fundação do Homem Americano, promove o desenvolvimento social criado em 1978 por Niede Guidon, Arqueóloga Brasileira, que tenta preservar este Parque desenvolvendo projetos para o aproveitamento do potencial turístico e formando pessoal da própria região para trabalhar no Museu do Homem Americano, que está sendo construído para abrigar o acervo arqueológico ali encontrado;

Em *Lagoa Santa*, a 40 Km de Belo Horizonte, encontra-se grutas das mais ricas do Estado. Pesquisada em fins do Século passado pelo Naturalista dinamarquês Peter Wilhem Lund e pelos cientistas: Pedro Claussen e Eugênio Warming que buscavam a “raça de Lagoa Santa”. Nesta região compreendida entre os municípios de Lagoa Santa, Pedro Leopoldo, Matozinhos e Sete Lagoas, existem cerca de 400 grutas, a maioria delas ainda inexploradas. Em Lapa de Cerca Grande, Conjunto Arqueológico tombado pelo Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico - IEPHA/MG, encontra-se conjuntos de grafismos rupestres de rara beleza. Confeccionados geralmente com pigmentos minerais da região; Em Lapa Vermelha a Missão continua encontrando localizações de Sítios. As mais conhecidas e únicas abertas à visitação pública, são as Grutas de Maquiné, Lapinha e Rei do Mato, Todas com iluminação artificial e infra-estrutura para turistas. Elas fazem parte da APA - Área de Proteção Ambiental;

A *Fazenda Pedra Pintada*, em Cocais MG, possuem 2.200 grafismos rupestres. Ela está preservada graças ao proprietário da fazenda, que impede o vandalismo, mas não descarta o processo de deterioração natural com ação da chuva e do sol;

O *Vale do Peruaçu*, (municípios de Januária- MG) região de grande beleza natural e importância biológica, arqueológica e espeleológica, localizada no Norte de Minas, se destaca pela grande quantidade de pinturas rupestres, além de riquezas paisagísticas justificando-se, plenamente, que a área seja reconhecida como Patrimônio da Humanidade;

Lapa Pintada - Na região de Montes Claros-MG, a UFMG estudou as pinturas presentes, sendo que em 1985 o IEPHA/MG cadastrou sistematicamente os Sítios da região, incluindo observações sobre os grafismos;

Montalvânia - Norte de Minas, sob a coordenação científica de Annette Lamming-Empeaire e sob responsabilidade de Maria Beltrão, umas das mais conceituadas arqueólogas mundialmente reconhecida, um grupo de especialistas estudam estes Sítios de abrigos com finalidades de registro e preservação;

No **Parque Nacional da Serra do Cipó**, MG, santuário de fina beleza ecológica, também se encontram vários abrigos pré-históricos.

No Amazonas há também inscrições gravadas em algumas pedras localizadas no rio Urubu em frente à cidade de Itacoatiara. Essa cidade, que fica distante de 266km e que foi fundada em 1757 teve como seus primeiros habitantes os índios Muras, Juris, Abacaxis, Anicorés, Aponárias, Cumaxiás, Barés, Jumas, Juquis, Pariguais e Terás.



Fig. 13 - Pedra lavrada em Itacoatiara - Amazonas.
Fonte: Site TRE-AM (2003).

Muitos outros Sítios Arqueológicos são conhecidos. Mencioná-los seria trabalho longo e duradouro, pois a cada dia registram-se novas descobertas (SÍTIO ARQUEOLÓGICO LAGOA,2003).

A preocupação em colecionar coisas antigas e descobrir antiguidades interessou a muitos homens ricos, principalmente no século XV, uma fase que caracterizou o humanismo do renascimento. Posteriormente há este século registram-se importantes escavações em cidades antigas da Europa, mas foi no século XIX que a arqueologia se firmou.

No Brasil, em meados do século passado, Ferreira Pena e Emílio Goeldi, descobriram vestígios de antigos povos na área amazônica. A vinda de pesquisadores estrangeiros para o Brasil, possibilitou a organização dos primeiros programas gerais e sistemáticos de pesquisa, como o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, que teve a duração de 1965 a 1970, com o patrocínio do Conselho Nacional de Pesquisas e da Smith Sonian Institution, agrupando pesquisadores de onze estados brasileiros. Esses estudiosos (arqueólogos, paleontólogos: estudiosos de fósseis, espeleólogos: estudiosos de cavernas, físicos, astrônomos, zoólogos, botânicos, historiadores, etc.) estabeleceram a nomenclatura arqueológica e os princípios básicos para as pesquisas.

Apesar da evolução alcançada pelas pesquisas e técnicas científicas nos dois últimos séculos, as origens do chamado homem americano ainda permanecem obscura e enigmáticas. Algumas teorias deduzem que a ocupação do Novo Mundo começou, segundo historiadores, pelas tribos mongólicas asiáticas, porém essa busca das primitivas raízes étnicas brasileiras é relativamente nova dentro da ciência. A América do Norte elas alcançaram há 40 mil anos, através do Estreito de Bhering.

Nessa escala de migração marítima, lenta mas determinada, as tribos estariam no rumo da sobrevivência, em regiões mais amenas do que os eternos espaços gelados do hemisfério Norte. O Sítio Arqueológico mais antigo da América - São Raimundo Nonato, no Piauí foi datado de 32.000 anos por um dos mais respeitados laboratórios americano que dedicam a esse tipo de trabalho, o Betta Analytic, localizado em Miami, na Flórida.

O brasileiro primitivo teria chegado ao nosso país numa época que oscila entre oito e doze mil anos atrás. Daqueles tempos remotos restaram vestígios e imagens criados pela inventividade dos nossos ancestrais, uma herança que vive entre a realidade e o mito a arte rupestre.

Segundo a arqueóloga Niede Guidon, Arte é o conhecimento que permite a realização de uma tarefa, a idéia daquilo que se quer descrever por meios materiais. Quando cria, na superfície da pedra ou em uma tela, o homem está buscando o meio de se exprimir do modo mais compreensível e universal. Até os anos 60, imaginava-se que a Europa, mais precisamente a França com a Gruta de Lascaux, e a Espanha, com a de Altamira, ambas entalhadas por volta de 30.000 a.C. abrigava os mais antigos e ricos tesouros de Arte Rupestre do Planeta. Agora, sabemos que tanto na Europa, África e América, possuem bons “Museus Pré-históricos” do mundo.

As pesquisas mais recentes indicam que de fato os desenhos se relacionam com rituais, mas determinar precisamente seu significado torna-se difícil. Uma das interpretações tentadas

é a partir da semiologia, ciência que dedica ao estudo dos símbolos. A onda de descobertas serve como mais um alento aos cientistas e historiadores da Arte para decifrar um mistério até agora insondável: mas, afinal, o que significam e para que teriam servido esses desenhos? Quem eram esses primeiros artistas da humanidade? Não se sabe o que levou um caçador a retratar animais nas paredes das cavernas, pode-se formular hipóteses. Até mesmo a noção de arte como se conhece desde a antiguidade clássica deve ser posta entre aspas quando se trata de descrever a produção daqueles homens e mulheres. Muito possivelmente boa parte das inscrições deixadas na pedra evoca rituais mágicos relacionados a caçadas e a crenças religiosas.

As análises da Arte Rupestres se dão através de parâmetros extremamente simples de serem observados: técnicas de execução (pintura a tinta ou gravações incisadas ou picotadas), temática (geométricas ou naturalistas, sendo que a última categoria inclui zoomorfos, antropomorfos, pés e armas) e cor (presença de monocromia, bicromia e tricromia). A dominância de um tema sobre o outro (ex.: geométricos > naturalistas) é estabelecida com base no maior impacto visual e critérios semiquantitativos.

A Lei nº 3.924, de 1961, é o documento para uma política de conservação dos Sítios Arqueológicos. Sua aplicação mostra-se difícil, já que a falta de órgãos de pesquisa para o levantamento de acervo arqueológico e, para eventual exploração científica, permitindo posterior liberação das áreas destinadas à exploração científica e econômica, provoca conflitos de interesse sendo que o cultural e o científico quase sempre perdem no confronto com o econômico.

De acordo com a *Lei N.º 3.924, de 26 de julho de 1961*, que dispõe sobre os Monumentos Arqueológicos e Pré-Históricos, em seu Artigo Primeiro, Os Monumentos Arqueológicos ou Pré-Históricos de quaisquer naturezas existentes no território nacional e todos os elementos que neles se encontram ficam sob guarda e proteção do Poder Público. As obras, monumentos naturais, as paisagens e os locais dotados de particular beleza ficam sob proteção do Poder Público Federal.

São considerados monumentos arqueológicos ou pré-históricos, os Sítios nos quais se encontram vestígios positivos de ocupação pelos paleoameríndios, tais como grutas, lapas e abrigos sob rocha; os Sítios identificados como cemitérios, sepulturas ou locais de pouso prolongado ou de aldeamento, estações e cerâmios, nos quais se encontram vestígios humanos de interesse arqueológico ou paleoetnográfico; as inscrições rupestres ou locais como sulcos de polimentos de utensílios e outros vestígios de atividades de paleoameríndios.

As escavações para fins arqueológicos, em terras de domínio público ou particular, constitui-se mediante permissão do Governo da União, através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ficando obrigado a respeitá-lo o proprietário ou possuidor do solo.

A descoberta fortuita de quaisquer elementos de interesse arqueológico ou pré-histórico, histórico, artístico ou numismático deverá ser imediatamente comunicada ao IPHAN, ou Órgãos Oficializados, pelo autor do achado ou pelo proprietário do local onde tiver ocorrido. O proprietário ou ocupante do imóvel onde se tiver verificado o achado é responsável pela conservação provisória da coisa descoberta, até pronunciamento e deliberação do Órgão Competente (<http://www.sitioarqueologicolagoa.hpg.ig.com.br/page4.htm>).
